

Brasília, síntese do poder

21 ABR 1981

FROTA NETO

Brasília é o centro de poder nacional. Os pressupostos de tal afirmativas estão contidos na reflexão e na análise das vinculações criadas pela sociedade política e pela atividade econômica brasileira. Um amplo desenho poderá ser executado na armação de como Brasília desempenha essa função. De como chegou a realizar esse processo a um só tempo de articulação entre as diferentes peças que são o mosaico nacional e de como provoca e contamina de modernização em toda uma faixa territorial do país que esteve escravizada à chamada "civilização do caraquejo" com as populações basicamente fixadas à faixa litorânea.

O primeiro sentido que extrai o observador é de que o Governo governa a partir de Brasília. Não há uma itinerância de tempos atrás, de deslocamentos pelos quais o Governo indo de Estado a Estado procurava ouvir e falar a nacionalidade. Hoje, Brasília como Governo vê, ouve e fala a partir de Brasília. E como no processo de gestão governamental não há possibilidades de que se superponham centros de comando e de decisão, é em Brasília que, estando o Governo, está o Poder.

As questões, contudo, para confluírem a esse atual estágio não aconteceram nem se deram num repente. Quem observar o histórico de ocupação nacional verá que os deslocamentos econômicos, ao longo do tempo, sempre privilegiaram alguns sítios de gestão administrativa. Quando o açúcar dominava a economia brasileira, o eixo se encontrava em Olinda/Recife — onde se dava a produção e a exportação — e em Salvador, onde se concentrava e se exercia o poder político e administrativo.

Mais tarde, ao avanço da atividade de miração e da perda substancial dos resultados da cana-de-açúcar como fonte de divisas, mais uma vez o comando político e administrativo tentou se aproximar da fonte básica da geração econômica. Assim, enquanto nas Minas Gerais se simbolizava toda uma febril corrente de obtenção de rendas, o Governo se deslocava para o Rio de Janeiro, onde, ao mesmo tempo em que via mais de perto o resultado econômico-financeiro se adestrava no acompanhamento dos fatos políticos novos situados.

A concentração político-administrativa no Rio de Janeiro manteve-se mesmo quando a mineração começou a revelar os primeiros sintomas de desaquecimento, e surgia no horizonte o novo centro de preocupação econômica, o café. Mas ainda aí se dava a dualidade entre poder político-administrativo e núcleo econômico, porque o que

se perdeu nas inas Gerais foi encontrado em São Paulo.

Não foi outro o horizonte descortinado de como se deram a industrialização e a urbanização aceleradas do país. Nesse processo, São Paulo reafirmou sua vocação econômica homogênea e o Rio de Janeiro conseguiu preservar algumas características nodais de decisão política. Nessa configuração da rede urbana nacional e de processamento da atividade econômica, o Brasil permanecia vinculado, fixado e espelhado ao longo de sua costa. As dificuldades de comunicação e a dependência das relações já então com as economias externas apenas confirmavam a pretensa realidade de que ali deveriam permanecer - no litoral - os centros de poder e de decisão.

As esperanças, os projetos e as intenções de internalização da vida na nacional não passavam de sonhos sonhados. Os procedimentos das entradas e das bandeiras pareciam definir tão só um capítulo da História brasileira de homens ousados e ações ousadas, mas não pareciam intentar mais do que isso. O deslocamento de grandes massas humanas, num país em acelerada transformação, persistia e resistia na projeção de um custo social demasiado alto e de um preço econômico - financeiro sem limites possíveis.

Tomada, porém, a decisão política passou-se a execução e a operacionalização do resguardo físico. Brasília começou a nascer assim, emergente de um conceito geopolítico apenas esboçado, taticamente traçado como meta de um programa político, mas em cuja esteira se montou o ceticismo. Inaugurada a cidade, plantada fisicamente tal como planejada, não foi essa concretização que a tornou viável política e economicamente. Passada a fase do seu criador e fundador Juscelino Kubitschek, os dois governos que se sucederam Jânio e Jango - resistiam à inovação e à mudança. O Governo - legal e constitucionalmente - tinha sede em Brasília. Mas o país continuava sendo administrado aos saltos, ouvidn-se e atendendo-se na imensidão do território nacional.

Não foram suficientes os benefícios e os privilégios criados para que a cidade nascida pudesse sobreviver. A decisão política inicial era anulada e neutralizada pelas decisões políticas que se seguiram. Mas depois Brasília começou a ganhar vigor e força. O Governo Catello Branco e os que se lhe seguiram - com menor ou maior dosagens verificadas - terminaram por concluir a decisão tomada. O centro de poder político se fincava definitivamente em Brasília.

Que os centros econômicos se fortificassem e se revigorassem em S. Paulo e no Rio de Janeiro - e depois em Minas Gerais, tudo bem. A modernização, a partir de uma evolução acelerada e densa nos processos de comunicação do país, confirmaram e reafirmaram Brasília. A partir de agora, quando a cidade completa seus 21 anos de fundação, pode-se atestar que Brasília é não apenas o centro onde funcionam as instituições políticas nacionais, mas é também onde cada vez mais desinibidamente se exercitam as articulações de Poder nacional. Onde se agrupam e se reagrupam as formidáveis pressões e as gigantescas tomadas de decisões que fazem o desenho do novo Brasil. Pensada e asentada para funcionar assim, Brasília cumpre o seu papel.

Transferida por um ato administrativo, absorvida no ventre político apenas formal, Brasília desperta o país para a realidade de que não é apenas um centro urbano construído para funcionar como Capital da República. É uma cidade do Poder, a partir de onde as coisas acontecem. Ou não acontecem. De qualquer ponto de onde se tomem e se formulem as decisões, não deixam de passar por Brasília.

Parece, portanto, hoje definitivamente sepultada como coisa do passado a fase da resistência plena em aceitar Brasília. Parece também coisa do passado a expectativa gerada de que a cidade seria apenas uma espécie de dormitório, onde as decisões repousavam, mas não permaneciam. Ainda que alguns importantes órgãos de Governo permaneçam fora de Brasília (alguns por força mesmo de suas próprias características), sua autonomia está suficientemente vigiada, vinculada e guardada para que não deixe de percorrer o itinerário de poder em Brasília.

As rotinas de correr Estados e de catapultar capitais transformam-se em episódios. Como uma poderosa aranha que teceu sua teia e cada momento dado, a cidade disparou seus invisíveis fios tentaculares sobre cada ponto do país. Governo, empresários, e agrupamentos de uma sociedade em organização e em estruturação vêem a fonte única a partir da qual se abastecem e se revitalizam em suas reivindicações e reclamos, onde são arbitradas suas demandas.

Nesse processo de confirmação, falta apenas que a aranha teça alguns fios de articulação entre o poder político - que é Brasília - e os já difusos núcleos de força econômica, mas ainda um tanto quanto concentrados em três ou quatro módulos vitais. Qualquer que seja a manifestação, porém, a acontecer no futuro, Brasília é hoje a síntese do Poder.